

Um atentado à história de Brasília

Patrimônio de Planaltina está sendo destruído e com ele morre uma valiosa página da cultura

TEXTO: CELSON FRANCO

"... a arquitetura, semelhante às existentes em fins do século XVIII, era de grande uniformidade e aspecto aprazível, condicionada aos poucos materiais utilizados na região: adobe, madeira lavrada, telha canal..." A antiga Vila Mestre d'Armas, hoje cidade de Planaltina, está prestes a perder, para sempre, caso não se tomem providências urgentes, sua característica de documento histórico. Deixará de ser cidade onde viveram várias gerações de brasileiros desbravadores, deixando nela marcas de quase dois séculos, para ser apenas mais uma cidade-satélite da Capital Federal, sem passado, sem história.

A única cidade do Distrito Federal que traz as marcas do que foi e como foi a região onde se erigiu a nova capital do país está perdendo sua identidade, firmada em quase dois séculos de existência. Segundo Paulo Barbosa Magalhães, relator do Plano Diretor de Ocupação Territorial do DF, "Planaltina desconhecida, até o advento de Brasília, a tecnologia moderna. Sua atividade artesanal de couro ferro, tecidos, madeira, etc, atendia às necessidades da região".

Hoje, Planaltina não tem nada daquilo que a fazia uma cidade praticamente auto-suficiente. As suas instituições públicas, quando da fundação da nova capital, foram transferidas para Brasília. Como lembram os velhos da cidade, "antes, a gente tinha charqueada, curtiure, tinha fartura. Hoje não, hoje vem tudo de Brasília". Além de perder sua autonomia - Planaltina, como as outras cidades-satélites, não têm administração própria - está perdendo sua história.

Seus casarões antigos estão sendo substituídos por casas modernas. Velhos monumentos foram demolidos. Seus pontos de maior importância histórica estão abandonados, como o cemitério antigo, o marco fundamental do Distrito Federal. A antiga Praça Salviano Monteiro foi cortada por uma avenida asfaltada e perdeu o seu caráter; o Grupo Escolar Brasil Caiado, construído em 1926, foi demolido e, em seu lugar, existe hoje uma casa de linhas pretensamente modernas, onde funciona a Pensão Vera Cruz; a antiga catedral, um gótico que, segundo o historiador Mário Castro, "causa pena que não exista mais", também foi demolida e hoje se constrói, no mesmo lugar, a nova catedral.

Planaltina vive, assim, o choque entre o novo e o velho. Mesmo a chamada cidade tradicional é hoje mesclada de casas novas e antigas, sendo que as últimas vão sendo destruídas, pelo tempo, naturalmente, mas também pelo descaso das autoridades e pela falta de consciência da população quanto à importância histórica de sua cidade.

O marco fundamental de Brasília, em Planaltina, está abandonado; o velho cemitério está entregue ao mato, que cresce livremente; tomam conta dos túmulos; as casas antigas, verdadeiros documentos históricos, vão sendo aos poucos

demolidas. Exemplo disso é a casa de Divina Sousa Caldas, a mais antiga de Planaltina, construída em 1830, que será demolida, "porque eu não tenho condições para restaurá-la".

Segundo o responsável pelo Museu Histórico de Planaltina, "tem que ser tomada uma providência urgente, porque a cidade está tendo o seu patrimônio histórico destruído. É preciso conscientizar a população do valor histórico de sua cidade, porque as pessoas modificam as casas, apagando, aos poucos, o aspecto tradicional da cidade, a sua história".

Uma história que, diz o historiador Mário Castro, "inicia-se com os registros, com os roteiros das entradas e bandeiras". Conta que "um fenômeno importante na nossa história foi o bandeirante Pascoal Paes de Araujo que esteve aqui, com toda sua tropa, em 1672. Eu provo que ele morou aqui por cerca de cinco anos".

Mas é o ano de 1770 que tem importância fundamental para a formação de Planaltina, ou melhor, de Mestre d'Armas. Neste ano, instalou-se, à margem da estrada cavaleira, como à margem da estrada real, o ferreiro provavelmente chamado Januário. "Quem passasse para o Norte, quem viesse do Norte, parava no Mestre d'Armas, para conserto das ferraduras dos animais, das armas, funis, argolas, lamparinas".

Em 1790, há registros de que já existia o Sítio Mestre d'Armas, povoado mínimo, habitado por algumas famílias. Em 1811, segundo Mário Castro, foi fundado o Arraial de São Sebastião de Mestre d'Armas. Sua história é interessante! Nesta época, os habitantes da região foram atacados por uma febre de origem desconhecida e fizeram uma oferta a São Sebastião para que os livrasse da epidemia. As famílias Gomes Rabello e Carlos Alarcão doaram, em princípios do século XVIII, as terras onde se erigiu uma capela de taipa que, após algumas ampliações, chegou à construção definitiva. Nos arredores da capela, formou-se um aglomerado de casas, dando origem ao povoado.

Após um período de constantes mudanças de incorporação aos arraiais de Couros e Santa Luzia - Formosa e Luziânia - São Sebastião de Mestre d'Armas, teve sua área oficialmente doada ao santo, em 1854. Em 1859, o arraial foi elevado à condição de distrito, com o nome de Mestre d'Armas, somente. Em 1891, foi elevado à categoria de vila.

Data de grande importância na história de Planaltina foi o ano de 1892, precisamente a 29 de agosto, quando chegou a Comissão Exploradora do Planalto Central, chefiada pelo engenheiro belga Luiz Cruls. A dois de julho de 1910, a vila passou a chamar-se Altamir e, em 14 de julho de 1917, recebeu o nome de Planaltina.

A pedra fundamental do Distrito Federal foi lançada a sete de setembro de 1922, no Morro Centenário, pela expedição do engenheiro Ernesto Balduino, chefe da Estrada



Igreja de São Sebastião, construída em 1811

de Ferro de Goiás, em nome do então Presidente Epitácio Pessoa. Outra data de grande interesse histórico para Planaltina foi o ano de 1924. Nesta data, a Coluna Prestes passou por Planaltina, rumo à Bahia. Em 1926, a Coluna Prestes, retornou, passando novamente pela cidade. Mário Castro reúne depoimentos, como esse, de um planaltinense: "Um dia, quando estava no pé do engenho moendo cana, eles chegaram, todos sujos, desajeitados, de carabinas em punho. Eu pensei: o que será isso? Isso deve ser jagunço de alguém".

A Vila Planaltina foi elevada à categoria de cidade autônoma no ano de 1938. E, em 1946, o general Poli Coelho, em seu relatório referente à nova capital, afirma: "É conveniente estabelecer a no planalto goiano, aproveitando integralmente a área proposta pela Comissão Cruls".

Em 1956, foi assinada a "Mensagem de Anápolis", pelo então Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, criando a Novacap, para iniciar os trabalhos de construção de Brasília. Ainda em 1956, foram anexadas ao município de Planaltina, todas as terras em volta, dentro do perímetro do Distrito Federal. Em 1960, quando da inauguração de Brasília, Planaltina passou a ser apenas uma cidade-satélite da Capital Federal.

Gabriela Guimarães Freitas, dona Morena, e Salvador Ribeiro de Freitas, são dois velhos moradores de Planaltina. Conta dona Morena, que "eu vivo aqui desde o meu nascimento, há 65 anos, na casa do museu, num quarto chamado quarto escuro, feito especialmente para nascer bebês".

Eles contam que foram proprietários de metade do Plano Piloto: "A Asa Norte toda foi nossa, a Vila Planalto... a Vila Planalto chamava-se Tamboril". Gabriel Francisco de Freitas, "seu Dodô", lembra que "era na Água Mineral que a gente tomava banho, lá é que era a sede da minha fazenda, chamada Fazenda Bananal".

"Seu Dodô" conta que, "em 22 de maio de 1956, eles me des-

propriaram. Recebi naquela época 800 mil réis por alqueire. Recebemos 670 contos, pouco mais de 500 cruzeiros. Olha, meu filho, eu falei que dava 90 por cento de minhas terras pra Nação, pedi pra eles deixarem apenas 10 por cento para mim, mas a comissão não deixou. E hoje eles estão vendendo lote lá pra tudo quanto é lado. Foram mais ou menos uns 800 alqueires e um alqueire dá uns 100 lotes."

Com o dinheiro recebido da desapropriação, compraram uma pequena fazenda, cem quilômetros abaixo de Formosa, "mas já acabou tudo, ficou tudo com os filhos. Salvador Ribeiro de Freitas, seu Dodô, foi presidente da Câmara de Vereadores e conselheiro municipal, aos 17 anos, de idade. Dona Morena, foi professora, subpromotora - porque eu não sou formada em Direito - e curadora de menores.

Eles têm histórias pra contar: "Nós saíamos daqui com os meninos, comprávamos uma garrafa de conhaque, açúcar... era logo ali pertinho, na Lagoa da Piteira. A gente tirava o leite espumoso e os meninos tomavam, depois tiravam a roupa e caíam na lagoa. Quando chovia, a gente trazia as vacas e tirava o leite aqui no quintal". Dona Morena lembra que o primeiro carro de Planaltina pertenceu a seu pai: "Era um Ford 'Bigode'".

DEMOLIÇÃO

"Eu vou demolir, com muita dó, porque tem muita coisa que me recorda minha vida, meus pais... mas como ficar com ela, se eu não tenho dinheiro pra arrumar?" Foi o que disse Divina Sousa Caldas, proprietária da casa mais antiga de Planaltina, construída em 1830. A casa será demolida, "se não me derem condições para restaurá-la".

Ela diz que, "se me derem condições para arrumar a casa, eu não derrubo, porque isso aqui é relíquia, eu nasci e me criei aqui". Conta que "ela estava muito ruim de morar e a prefeitura disse que só me dava o alvará de construção se eu derrubasse essa, porque não podia ficar as duas no mesmo lote. Ai, eu concordei".



Praça Salviano Monteiro



O cemitério velho está tomado pelo mato



A casa mais antiga de Planaltina - 1830 - será demolida



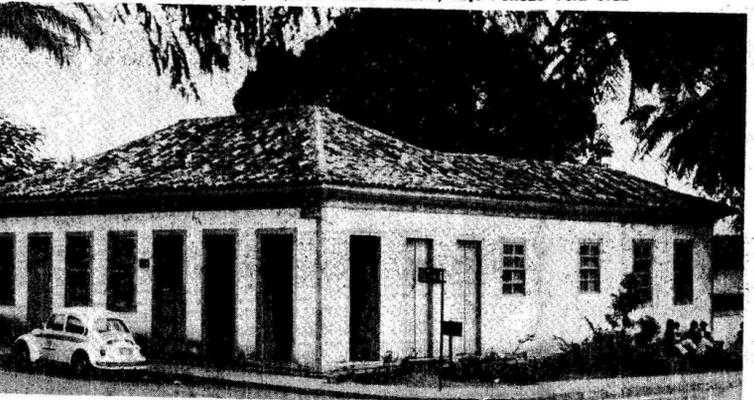
Seu Dodô e Dona Morena: "metade do Plano Piloto era da gente"



O velho e o novo: Planaltina vai perdendo sua identidade



Aqui existia o Grupo Escolar Brasil Caiado, hoje Pensão Vera Cruz



O Museu Histórico de Planaltina